



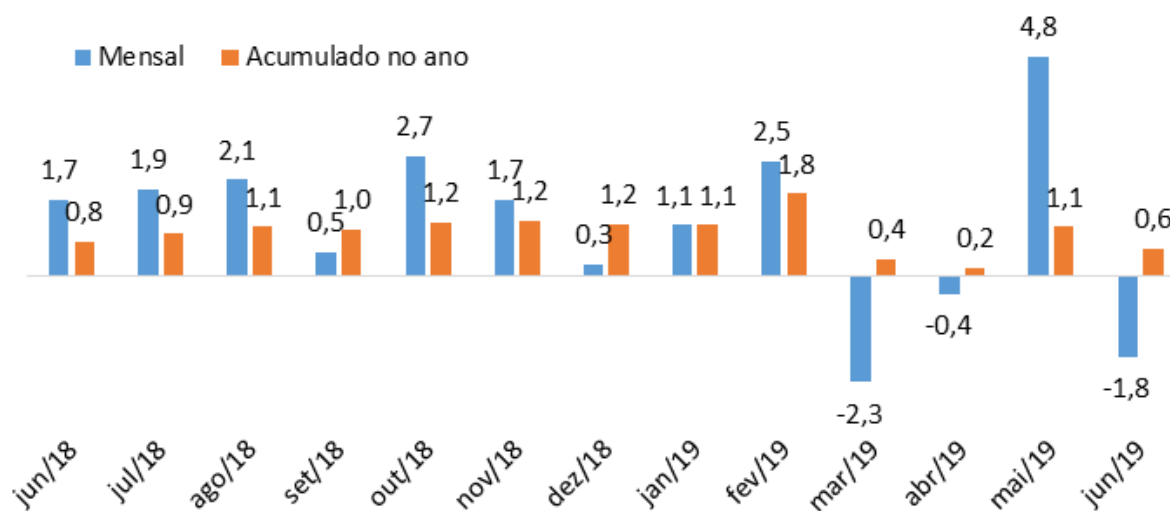
Boletim Conjuntural Agosto | 2019

1. CONJUNTURA NACIONAL

Os quase oito primeiros meses do novo governo carregam marca de contrastes: de um lado, mesmo a passos mais lentos do que se desejaria, reformas estruturais (previdência e, agora, a tributária) estão avançando. De outro lado, no entanto, de onde se espera o comando firme e sereno nas ações para se governar bem, sobram intempéries. Se na área econômica se vê progresso, desencontros e geração de óbices absolutamente evitáveis – com epicentro no governo central – operam como contrapeso ao encaminhamento de reformas e a melhoria do ambiente de negócios. A decorrente deterioração de expectativas dos agentes econômicos afeta decisões sobre projetos em andamento ou projetos já bem desenhados, o que termina por retardar o processo de saída da alongada crise da economia brasileira.

Nesse contexto, o desempenho econômico do Brasil segue apresentando resultados bem modestos. O indicador que antecipa a variação do PIB, o Índice de Atividade Econômica (IBC-BR) do Banco Central – referente ao resultado acumulado (até junho de 2019), tendo-se por base o mesmo período de 2018, revela um crescimento de apenas 0,6% – ver **Gráfico 1**. Ademais, o Banco Central divulgou, no Boletim Focus de 23/08/2019, estimativa de 0,80% para o crescimento do PIB do país em 2019. Espera-se, assim, um desempenho ainda abaixo do modesto 1% obtido nos dois anos antecedentes (2017 e 2018).

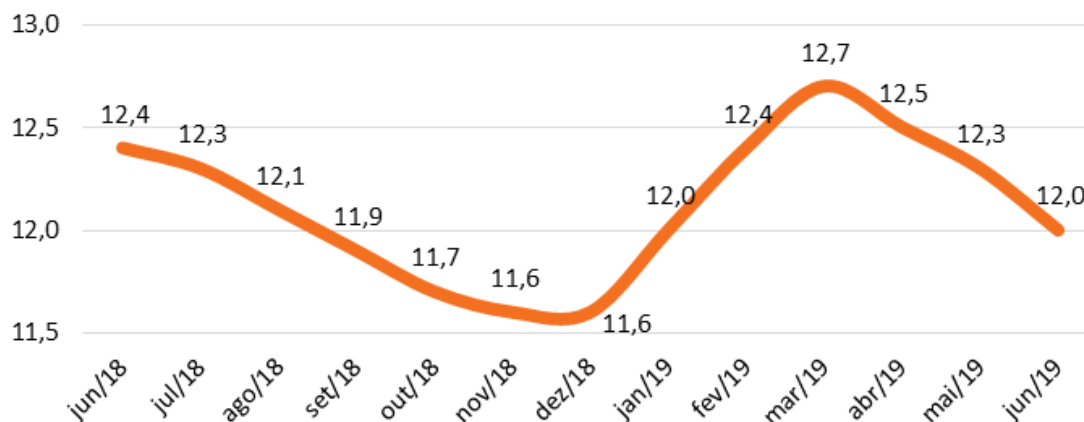
Gráfico 1 - Brasil: taxas de variação mensal e acumulada no ano do índice de atividade econômica (IBC-BA), em % - junho/2018 a junho/2019 (base: mesmo período do ano anterior)



Fonte: Contas Nacionais Trimestrais/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

Como reflexo desse insuficiente crescimento da economia, o mercado de trabalho continua sem apresentar melhoria expressiva. Dados da PNAD continua revelam que a taxa de desocupação das pessoas de 14 anos ou mais é de 12,0%, referente ao trimestre encerrado em junho deste ano – como ilustrado no **Gráfico 2**. Apesar da trajetória decrescente desse indicador, a partir do trimestre encerrado em fevereiro – quando atingiu o patamar de 12,7% – tal nível de desocupação da força de trabalho se materializa no ainda substantivo contingente de desempregados: 12,9 milhões de indivíduos em busca de uma ocupação, em que aqueles em situação de “desemprego de longo prazo” (mais de seis meses buscando ocupação) representam contingente expressivo. Isso, sem se levar em conta o desemprego por desalento, ou seja, pessoas que, embora sem ocupação, desistiram de procurar trabalho porque já não acreditam em possibilidade de êxito. Por fim, acrescente-se que, nos últimos doze meses, das pessoas que conseguiram algum tipo de ocupação quase metade (aproximadamente 46%) o fizeram no mercado de trabalho informal.

Gráfico 2 - Brasil: taxa de desocupação das pessoas com 14 anos ou mais de idade (média móvel trimestral), em % - junho/2018 a junho/2019



Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

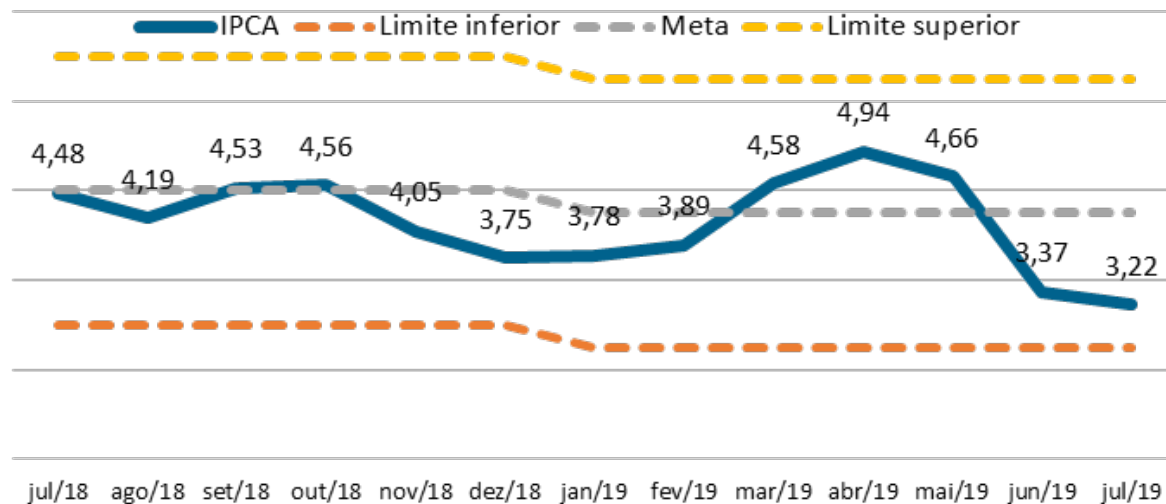
Nota: Considera a média móvel trimestral do universo das pessoas de 14 anos ou mais desocupadas e na força de trabalho, sendo o mês de referência tomado como limite superior do trimestre.

Questão a destacar na presente conjuntura é o comportamento geral dos preços. Em parte por conta da lenta recuperação da renda familiar – o indicador oficial de inflação (IPCA, Índice de Preços ao Consumidor Amplo), acumulado em 12 meses (**Gráfico 3**), atingiu 3,22% no mês de julho de 2019, resultado que referenda, no Relatório de Mercado, estimativa de inflação anual, em 2019, de 3,61% (Boletim Focus/Bacen de 23/08/2019), abaixo de estimativa anterior de 3,78%. Um resultado que permanece abaixo do centro da meta oficial; na verdade, se confirmado, ficaria abaixo do piso¹. Assim, superado o episódio de elevação da média dos preços nos meses de março, abril e maio deste ano (inflação acima do centro da meta) – principalmente devido a aumentos expressivos dos preços de alimentos e combustíveis – esse indicador volta a se situar abaixo do centro da meta e assim deve permanecer até o final deste ano.

¹O Banco Central estabeleceu em Junho do corrente ano, novas metas de inflação, para os anos de 2019, 2020 e 2021: piso de 3,75%; centro de 4,00%; e teto de 4,25%. Uma indicação de que se conta com padrão inflacionário que vai se aproximando daquele das principais economias do mundo.

Conforme <https://economia.uol.com.br/noticias/reuters/2019/06/27/cmn-fixa-meta-de-inflacao-de-2022-em-350-com-margem-de-15-pp.htm> [acesso em 27 08 2019].

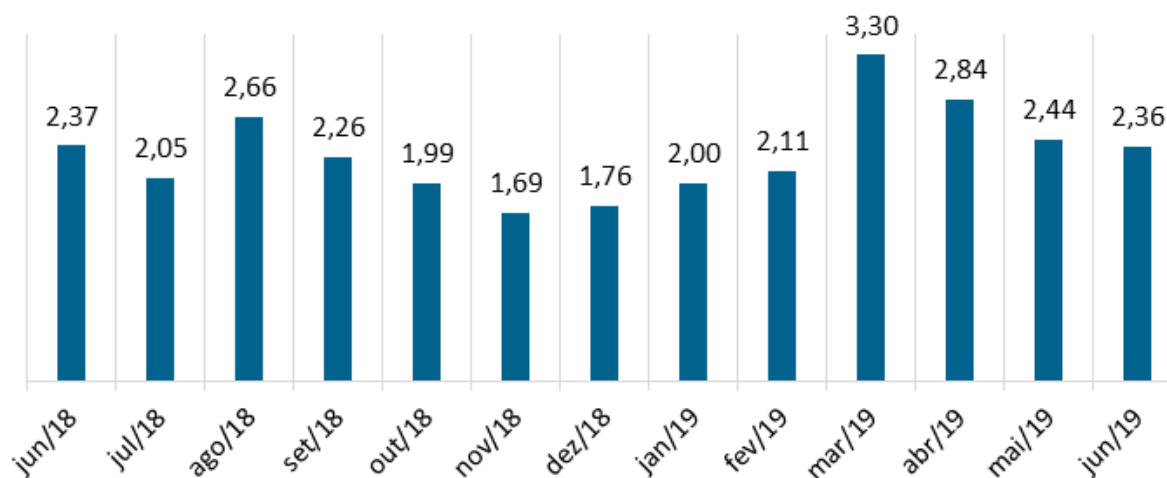
Gráfico 3 - Brasil: Meta Selic e variação (%) do IPCA acumulado em 12 meses julho/2018 a julho/2019 (base: 12 meses imediatamente anteriores)



Fonte: Sistema Nacional de Preços ao Consumidor/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

Corroborando resultado já registrado em Boletins anteriores, apesar do modesto crescimento da ocupação estar sendo insuficiente para reduzir substancialmente o elevado desemprego, a baixa inflação ajuda a manter positiva a variação da massa real de salários (**Gráfico 4**): esse agregado, no trimestre abril-maio-junho, cresceu, em termos reais, 2,36% – relativamente ao nível registrado em igual período de 2018.

Gráfico 4 - Brasil: variação real da massa de rendimentos do trabalho (média móvel trimestral) das pessoas de 14 anos ou mais ocupadas e com rendimento do trabalho, em % - junho/2018 a junho/2019 (base: mesmo período do ano anterior)



Fonte: IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

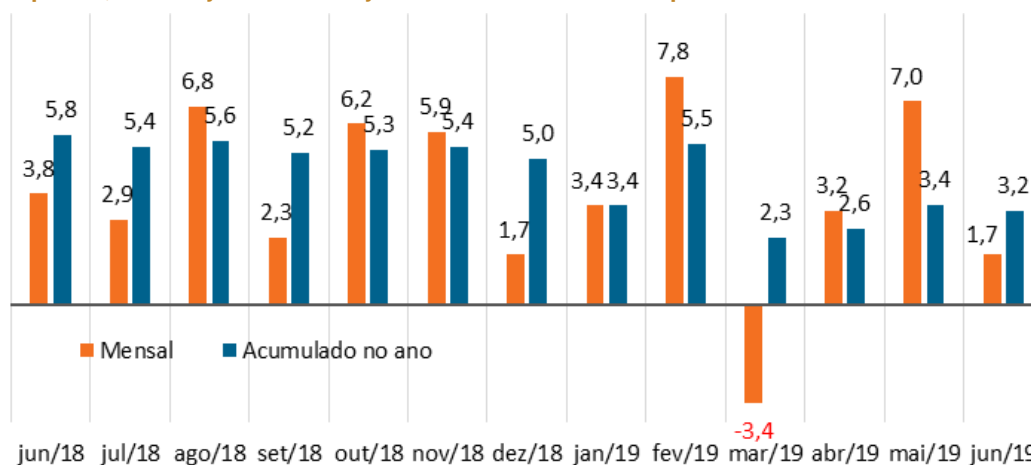
Nota: O indicador de média móvel trimestral é calculado considerando-se o mês de referência, em cada divulgação, como limite superior. Os valores da série são corrigidos pelo deflator (IPCA) do mês intermediário.

Variação positiva da renda das famílias é fator básico para sustentação/crescimento da demanda por bens e serviços. Disso decorre que – a despeito do baixo desempenho da economia e da preocupante situação do mercado de trabalho – há espaço para manutenção de certo volume de negócios nos segmentos de varejo e prestação de serviços do país, como explicitado a seguir.

Desempenho do comércio varejista mantém-se positivo em 2019

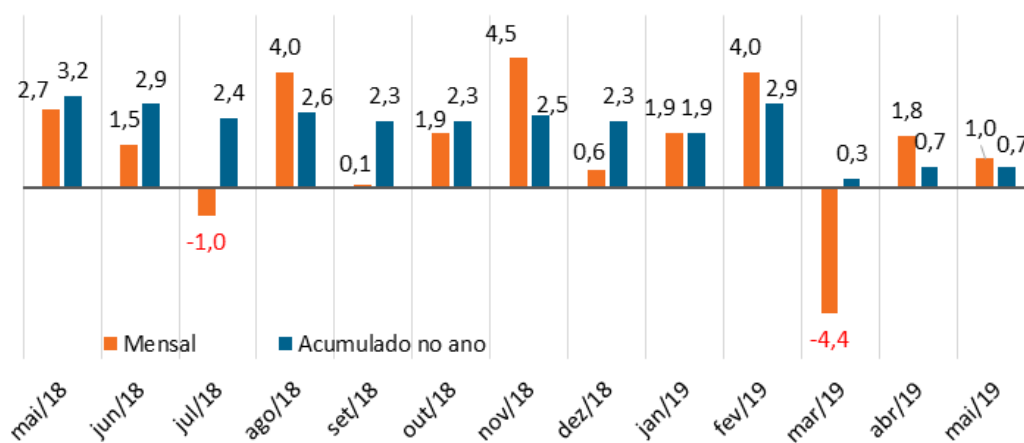
Indicadores da evolução do volume de vendas do **varejo ampliado** – agregado que resulta do acréscimo de ‘veículos, motocicletas, partes e peças’ e ‘materiais de construção’ ao conjunto de segmentos que compõem o comércio varejista propriamente dito – são apresentados no **Gráfico 5**. Trata-se do resultado mensal e do indicador acumulado no ano, o que é também sistematizado a partir de informações sobre o **varejo restrito (Gráfico 6)**. Note-se que, em ambos os casos, o volume de vendas no país cresceu em junho de 2019, tendo-se como base de comparação os números referentes ao mês de junho de 2018. No varejo ampliado, o crescimento foi de 1,7%; e no restrito, aumento de 1,0%. Destaque-se também que o indicador do resultado acumulado no ano (janeiro a junho), comparado com o correspondente a igual período do ano passado, registra crescimento de 3,2% e 0,7% – para o varejo ampliado e o restrito, respectivamente. O crescimento mais forte do varejo ampliado tem a usual influência do desempenho diferenciado do segmento de automóveis. No varejo restrito, também se observa um crescimento, mas bastante baixo e muito próximo do desempenho global da economia brasileira.

Gráfico 5 - Brasil: variação mensal e acumulada no ano do Comércio Varejista Ampliado, em % - junho/2018 a junho/2019 (base: mesmo período no ano anterior)



Fonte: PMC/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

Gráfico 6 - Brasil: variação mensal e acumulada no ano do Comércio Varejista, em % - junho/2018 a junho/2019 (base: mesmo período no ano anterior)

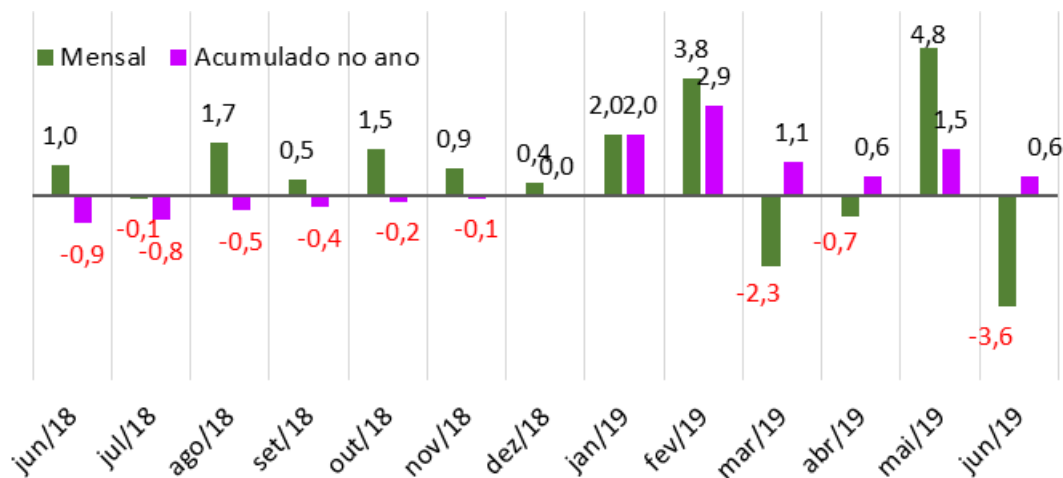


Fonte: PMC/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

Desempenho dos serviços levemente positivo em 2019

Com respeito ao segmento de prestação de serviços, a despeito do resultado negativo de junho (-3,6%), o desempenho acumulado do ano mantém-se levemente positivo (0,6%) – **Gráfico 7**. Como se vê, são resultados que – no geral – acompanham o discreto desempenho da economia do país.

Gráfico 7 - Brasil: variação mensal e acumulada no ano do volume de Serviços, em % – junho/2018 a junho/2019 (base: mesmo período no ano anterior)

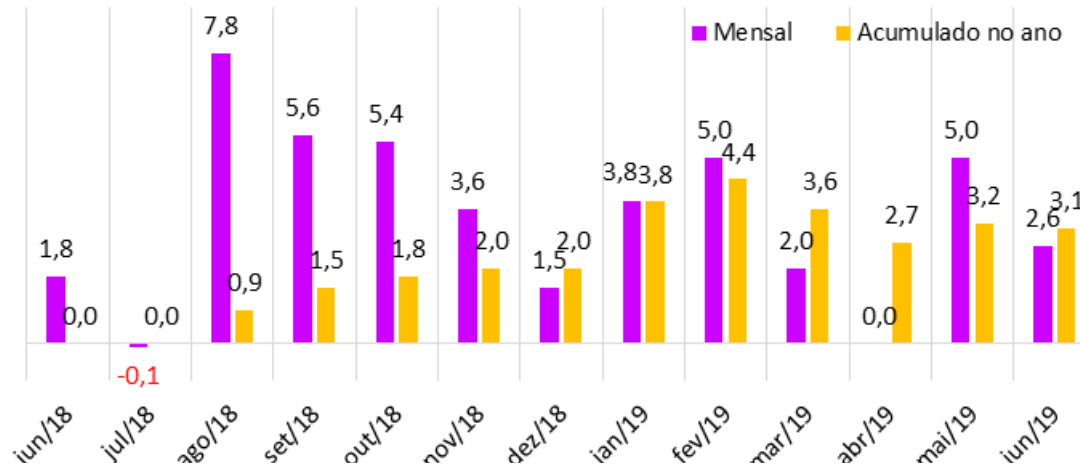


Fonte: Pesquisa Mensal dos Serviços/IBGE. Elaboração Ceplan Multi

Turismo: desempenho também mantém-se positivo em 2019

As atividades de turismo, como um conjunto, também continuam apresentando resultados positivos. Crescimento mensal de 2,6% em junho e de 3,1% no acumulado do ano (janeiro a junho), como se pode ver no **Gráfico 8**. Portanto, de uma forma geral, os indicadores do desempenho recente do comércio e dos serviços, aqui apresentados, caracterizam um baixo, mas positivo dinamismo, em consonância com o desempenho global da economia brasileira e com a ainda grave deterioração do mercado de trabalho.

Gráfico 8 - Brasil: variação mensal e acumulada no ano do volume de Atividades Turísticas, em % junho/2018 a junho /2019 (base: mesmos períodos do ano anterior)



Fonte: Pesquisa Mensal dos Serviços/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

2. COMÉRCIO VAREJISTA E SERVIÇOS EM JUNHO DE 2019: PERNAMBUCO NO CONTEXTO NACIONAL/REGIONAL

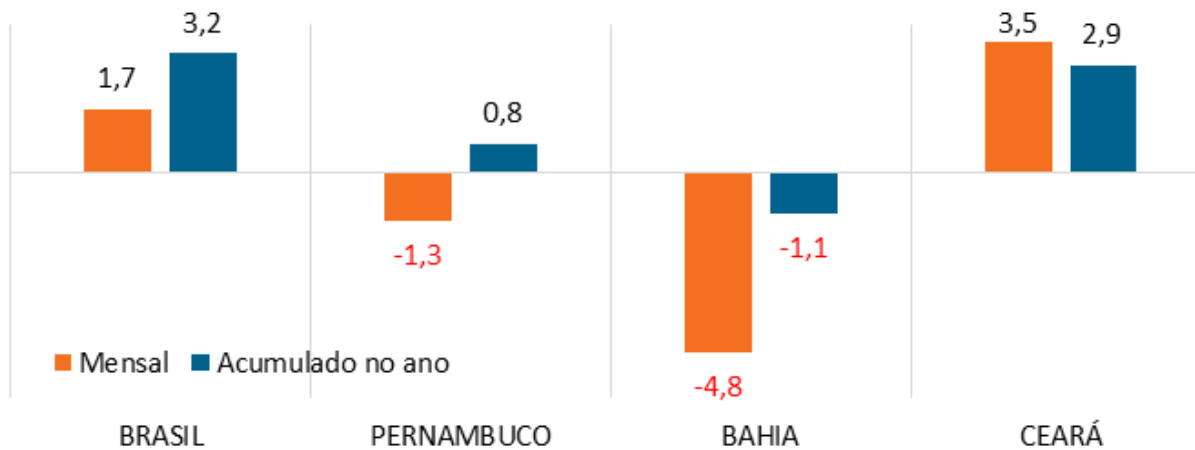
Nesta seção, como de praxe, analisam-se de forma sucinta dados conjunturais sobre o desempenho do comércio varejista e da prestação de serviços em Pernambuco. Faz-se contextualização, com recurso a informações comparáveis no âmbito nacional e nos estados economicamente mais expressivos da região Nordeste. Informações básicas para o mês de junho deste ano são apresentadas nos **Gráficos 9 e 10**.

O varejo ampliado pernambucano segue apresentando desempenho abaixo do registrado para o país. Tal quadro se mantém no resultado acumulado deste ano (janeiro a junho), tomando-se como base igual período de 2018: crescimento de 0,8% em Pernambuco contra 3,2% no Brasil.

No que diz respeito ao varejo restrito, Pernambuco **declina** 1,0% – conforme o indicador do resultado acumulado do ano – enquanto no país verifica-se crescimento de 0,6%.

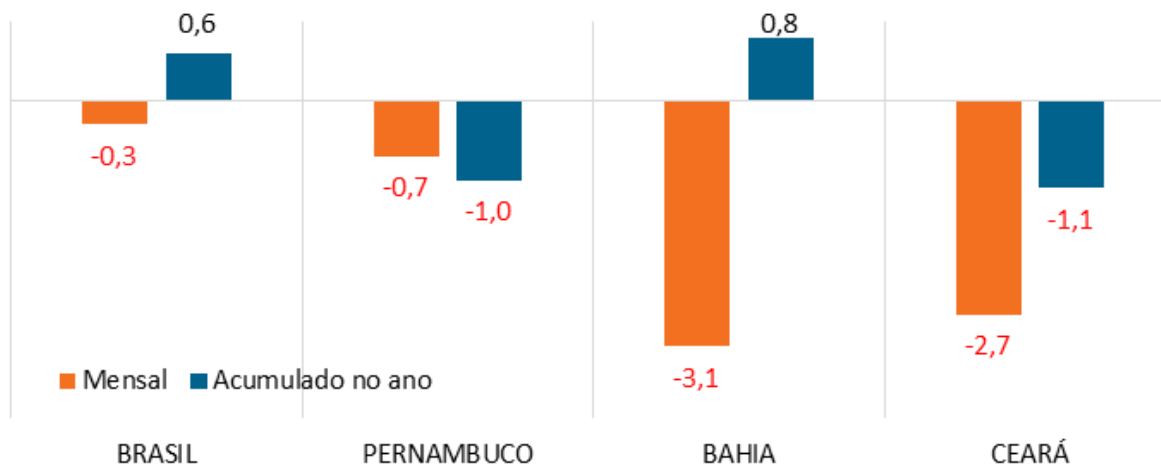
O mesmo acontece com as comparações com indicadores mensais – junho de 2019 com junho de 2018. O desempenho, tanto do varejo ampliado quanto do restrito, em Pernambuco, fica abaixo do observado para o país: -1,3% contra 1,7% no varejo ampliado. Já no varejo restrito em Pernambuco, resultado negativo (-0,7%); versus -0,3% no país).

Gráfico 9. Brasil, Pernambuco, Bahia e Ceará: variação mensal e acumulada no ano do volume de vendas Varejo Ampliado, em % - junho/2019 (base: mesmo período do ano anterior)



Fonte: Pesquisa Mensal do Comércio/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

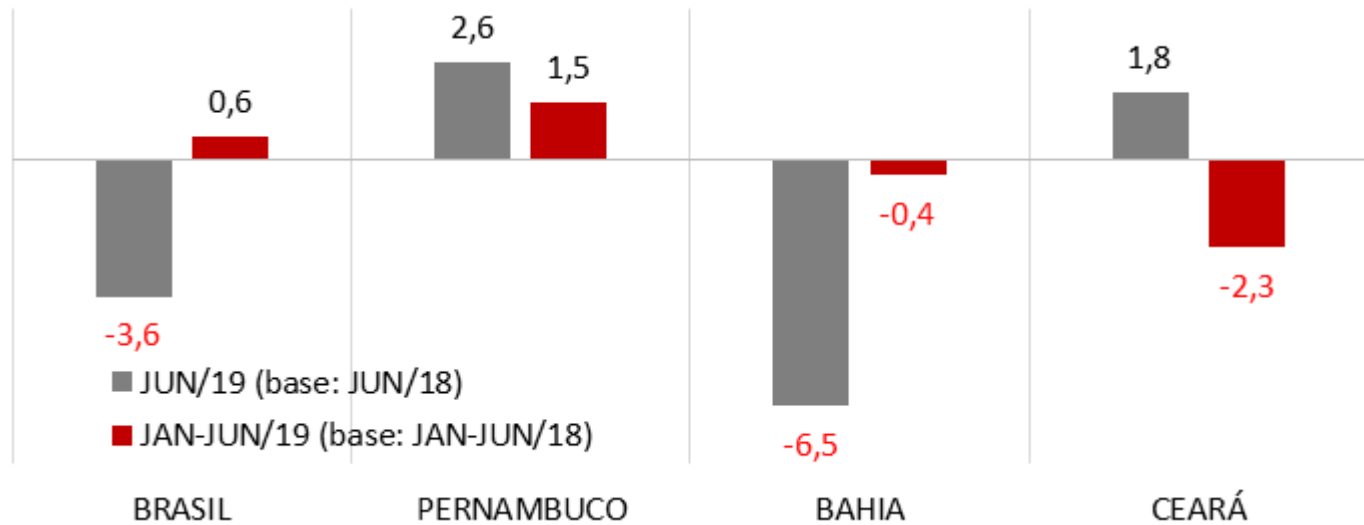
Gráfico 10 – Brasil, Pernambuco, Bahia e Ceará: variação mensal e acumulada no ano do volume de vendas no Varejo, em % - junho/2019 (base: mesmo período do ano anterior)



Fonte: Pesquisa Mensal do Comércio/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

No que diz respeito ao setor de prestação de serviços – **Gráfico 11** – Pernambuco registra um crescimento de 1,5% no acumulado do ano e de 2,6% no resultado mensal de junho. Portanto, desempenho superior ao observado no âmbito nacional: elevação de 0,6% no ano e decréscimo de 3,6% no mês de junho. No plano regional, o desempenho do volume de prestação de serviços em Pernambuco, no resultado acumulado do ano, também supera tanto o do estado da Bahia (-0,4%), quanto o do Ceará (-2,3%).

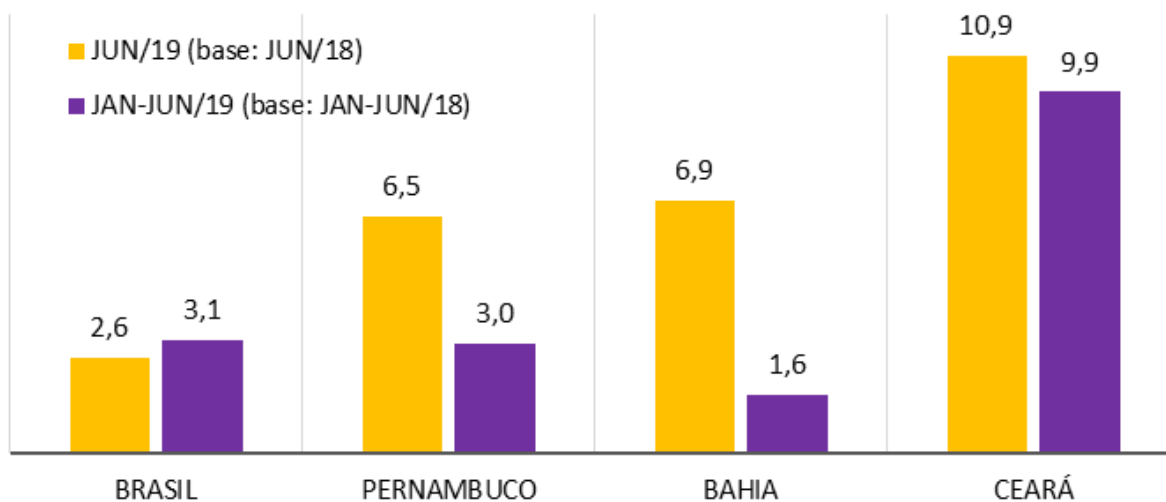
Gráfico 11 - Brasil, Pernambuco, Bahia e Ceará: variação mensal e acumulada no ano, do volume de Serviço, em % - junho/2019 (base: mesmo período do ano anterior)



Fonte: Pesquisa Mensal dos Serviços/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

Em relação ao segmento de turismo, são novamente considerados os três principais estados nordestinos, mantendo-se a contextualização no espaço nacional. O **Gráfico 12** traz as informações necessárias, consideradas as referências dos outros estados e país, recorrendo-se ao indicador acumulado em 2019 e ao índice mensal do volume de atividades turísticas de junho de 2019 relativamente ao volume observado em junho de 2018.

Gráfico 12 - Brasil, Pernambuco, Bahia e Ceará: variação no ano do volume de Atividades Turísticas, em % - junho/2019 (base: mesmos períodos do ano anterior)



Fonte: Pesquisa Mensal dos Serviços/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

Portanto, observa-se que Pernambuco mostra, no segmento de turismo, desempenho positivo no resultado acumulado deste ano (3,0%) e também positivo no indicador mensal (6,5%). Isso ocorre em um cenário em que o país como um todo mostra desempenho praticamente igual no acumulado do ano (3,1%) e crescimento em junho bem abaixo (2,6%). Em termos regionais, os dados para o Ceará trazem crescimento bem diferenciado para o turismo: 9,9% no acumulado do ano e 10,9% em junho. Já a Bahia tem o menor crescimento no acumulado do ano (1,6%), mas um desempenho expressivo em junho (6,9%) – apenas abaixo do alcançado pelo Ceará.

3. SÍNTESE E PERSPECTIVAS

O Brasil continua sua longa trajetória – próxima de completar uma década- de estagnação, recessão e de lento crescimento. De fato, o desempenho econômico do Brasil segue apresentando resultados bem modestos. O indicador que antecipa a variação do PIB, o Índice de Atividade Econômica (IBC-BR) do Banco Central – referente ao resultado acumulado (até junho de 2019), tendo-se por base o mesmo período de 2018, revela um crescimento de apenas 0,6%. Ademais, estima-se que o crescimento do PIB do país em 2019 seja de apenas 0,8%- um desempenho ainda abaixo do modesto 1% obtido nos dois anos anteriores (2017 e 2018). Nesse ambiente, os indicadores do desempenho do varejo e dos serviços, apresentados neste Boletim, caracterizam um baixo dinamismo, em consonância com o desempenho global da economia brasileira e com a ainda grave situação do mercado de trabalho.

Ocorre que, para retomar em bases sustentáveis o crescimento da economia brasileira, o componente institucional é requisito estratégico. De fato, não é só a reforma da previdência, ainda em discussão no Senado, que conta para tornar a economia brasileira mais favorável à atração de investimentos, ao infundir mais confiança à capacidade governamental de garantir equilíbrio fiscal. É verdade que o país teve importantes ganhos institucionais nestes 25 anos: inflação sobre controle, um núcleo de política macroeconômica mantido desde 2000 (metas de superávit primário, metas de inflação, câmbio flexível), Lei de Responsabilidade Fiscal, entre outros. No entanto, há muitos óbices no plano institucional que, uma vez removidos, fariam o ambiente econômico do país mais atrativo à absorção de capitais, incluída a poupança externa. É necessário que se eliminem entraves burocráticos, modernize-se o aparato tributário (inclusive reduzindo ou eliminando mecanismos regressivos e de alto custo para empresas e cidadãos no contexto de sistema tributário complexo e litigioso), recupere-se o papel das agências reguladoras e implemente-se programa de privatizações.

Nesse cenário interno, o momento traz um agravante no ambiente externo, componente que volta a se destacar em análises nesta série do Boletim Fecomércio. Turbulências lembram que eventual nova crise econômica mundial pode vir a ter lugar. Além do que já repercute no país, advindo da crise econômica, política e social na vizinha Argentina, registram-se: indicadores de recessão na economia alemã, e de desaceleração da economia chinesa, além de temores de crise na economia americana, que vem crescendo por 123 meses consecutivos. Ademais, a disputa comercial entre China e Estados Unidos; disputas e tensões geopolíticas entre a nação norte-americana e o Irã e, mais de quatro meses de protesto civil em Hong-Kong, importante centro financeiro-comercial, em desafio à poderosa China, que tem jurisdição sobre esse território considerado como uma “especial região administrativa”. Há portanto, vários pontos de tensão, com potencial de desdobramentos negativos para a economia mundial e, em particular, para países emergentes. As bolsas de valores ecoam mensagens apresentando grande volatilidade. E, em 26/08, o dólar fecha a R\$ 4,14; no dia seguinte, R\$ 4,15 – a despeito de ação do Banco Central via leilões de venda de dólares. Outro indicador, de natureza ampla, é o preço do ouro que tem crescido bastante nas últimas semanas. Na mesma linha de aprofundamento de incertezas, está o fato de que um título de curto prazo, do Tesouro americano, pagou recentemente prêmio maior do que um com 10 anos – sinal de falta de confiança no futuro da economia.

A economia mundial não está em recessão, mas tal possibilidade não pode ser descartada pelo menos até o próximo ano. Ou seja, incerteza – palavra-chave destacada na edição anterior deste Boletim – continua presente, embora agora com indicadores mais nítidos de que uma nova crise mundial pode vir a eclodir. Portanto, o Brasil passa a enfrentar cenário externo mais complexo e desafiador – o que deveria agilizar a realização de reformas estruturais. Como a reforma política é a mais complexa, talvez seja inevitável trabalhar-se primeiro com as reformas macroeconômicas, inclusive a fiscal, e microeconômicas tais como a administrativa e de desburocratização.

No mais, importantes indicadores macroeconômicos do país indicam que já existem fundamentos básicos favoráveis ao crescimento. Trata-se de: juros básicos (SELIC reduzida ao histórico patamar de 6,0%); inflação na casa dos 4,0% ao ano, ou menos; reservas cambiais em nível próximo de R\$ 400 bilhões; e considerável margem de capacidade ociosa (elemento de crise que se torna, na recuperação da economia, poderoso parâmetro pró-crescimento não inflacionário). Ademais, no plano da demanda agregada, há o potencial representado pela premência de reconstrução da infraestrutura do país. Ainda nesse flanco, o mercado imobiliário está apresentando sinais de discreta recuperação, sinalizando que está pronto para uma retomada. O setor de construção civil é importante como via de rápida recuperação de empregos em curto prazo.

Acrescente-se que há outros segmentos da economia prontos para se engajar na retomada do crescimento, envolvendo capitais nacionais e externos: produção de máquinas, infraestrutura para projetos de novas formas de energia e telecomunicações, startups, entre outros.

Em suma, o país possui capacidade instalada para se recuperar. Mas será necessário garantir os avanços nas reformas estruturais, macro e microeconômica, bem como criar ambiente político e econômico favoráveis à atração de capitais internos e externos, reduzir custos de transação e aumentar a produtividade e competitividade da economia brasileira, sobretudo com maior foco na educação, conhecimento e inovação.

BIBLIOGRAFIA

DEPARTAMENTO ECONÔMICO-BANCO CENTRAL DO BRASIL (DEPEC-BCB). **Índice de Atividade Econômica. Junho 2019.**

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Contas Nacionais Trimestrais.** Junho 2019.

Pesquisa Mensal do Comércio. Junho 2019.

Pesquisa Mensal dos Serviços. Junho/2019.

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Junho/2019.

Sistema Nacional de Índices de Preços ao Consumidor. Julho/2019.

EXPEDIENTE FECOMÉRCIO-PE

Presidente: Bernardo Peixoto
Diretora-executiva do Instituto Fecomércio:
Brena Castelo Branco
Economista: Rafael Ramos
Designer Gráfico: Nilo Monteiro

EXPEDIENTE CEPLAN-PE

Osmil Galindo | Economista
Ademilson Saraiva | Economista
Roberto Alves | Estatístico
Jorge Jatobá | Economista
Tania Bacelar | Economista

**Sede provisória Rua do Sossego, 264, Boa Vista,
Recife, Pernambuco, CEP 50.050-080
Tel.: (81) 3231-5393 (PABX)**

**Anexo: Rua Bispo Cardoso Ayres, 147, Sala 105,
Santo Amaro (esquina com a Rua do Príncipe)
Recife, Pernambuco, Brasil, CEP 50.050-135
Tel.: (81) 3423-8423 | 3423-7440 (PABX)**

